

FICHA TÉCNICA

Título: *A Confissão do Navegador — A empolgante viagem do aventureiro que descobriu o Brasil e conquistou a Índia*

Autor: *Duarte Nuno Braga*

Copyright © by Duarte Nuno Braga e Editorial Presença, Lisboa, 2016

Revisão: *Maria João Carmona/Editorial Presença*

Imagem da capa: © *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, maio, 2016

Depósito legal n.º 408 242/16

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto direitos de *e-book* para o Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

«E portanto bem-aventurado Príncipe, temos sabido e visto como no terceiro ano do vosso Reinado do ano de nosso Senhor de mil quatrocentos e noventa e oito donde nos vossa alteza mandou descobrir a parte ocidental passando além da grandeza do mar oceano onde é achada e navegada uma tão grande terra firme com muitas e grandes ilhas adjacentes a ela que se estende a setenta graus de latitude da Linha Equinocial contra o polo ártico.»

Duarte Pacheco Pereira in *Esmeraldo de Situ Orbis*, escrevendo ao rei D. Manuel I a dar conta da sua viagem secreta ao Brasil, em 1498

NOTA AO LEITOR

A Confissão do Navegador é uma obra de ficção; no entanto, uma grande parte dos acontecimentos narrados neste livro baseia-se em factos históricos e em antigas lendas populares. Os diálogos foram adaptados ao português corrente a fim de conferir uma maior fluidez à leitura.

Não posso deixar de referir, com toda a humildade de um principiante, que escrevi esta história com uma entrega imensa e apaixonada do início ao fim. Cada novo pormenor acrescentado durante a investigação que empreendi encheu-me os olhos de brilho e deixou-me o coração em alvoroço, numa onda de frenesim que se estendeu da minha alma à tinta que escreveu as palavras que se seguem.

PRÓLOGO

Corte de Santarém, 1466

— Até onde se estende o Atlântico, Duarte? — perguntou-me o preceptor, de olhos inquisidores.

— Não sei, senhor, nunca estive nesse oceano — respondi, sereno.

Naquele dia, castigaram-me severamente pela sinceridade típica de uma criança de seis anos. Mas o tempo rasgou a minha dor, o castigo transformou-se em motivação e a insipiência em conhecimento. Até hoje.

CAPÍTULO I

Há cartas que nunca deveriam ser encontradas, sobretudo quando rasgam a vida de um homem, a história de um povo, ou a glória de uma nação.

Naquele chuvoso 9 de março, em Vale do Paraíso, Duarte sentiu que se lhe acelerava o coração. Uma convocatória assinada pela mão do rei para uma missão secreta e uma reunião com Cristóvão Colombo eram acontecimentos suficientes para justificar o frene-sim cardíaco.

Desceu do cavalo e dirigiu-se ao guarda com altivez, exibindo o selo real da missiva.

Capitão Duarte Pacheco Pereira,

Nós, Dom João por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves d'aquém e d'além-mar, em África senhor de Guiné, vos enviamos muito saudar.

Como sabeis, é grande a afeição que por vós temos, não só pela fé, a lealdade e a coragem que sempre haveis demonstrado, mas também pela vossa mestria na navegação e na cosmografia, que ora se revelam de extrema importância.

Por tanto rogamos a vossa presença na Casa dos Silvas, em Vale do Paraíso, aos 9 dias de março pelas primeiras horas da manhã, a fim de vos encarregarmos de uma missão que deveis empreender com total secretismo.

Após o almoço, receberemos em conjunto, com todas as honrarias que lhe são devidas, Christoval Colon, que ontem aportou no cais de Lisboa e que

jura ter navegado por Ocidente até às Índias, pelo que devemos preparar com a maior brevidade possível uma reunião de grandiosa importância para a coroa portuguesa.

Escrita em Rio Maior aos 4 dias de março de 1493

— Capitão, porque está tão nervoso com essa convocatória do rei? É muito importante? — questionou Nassim, trazido de África com apenas 12 anos de idade, que era como que a sombra de Duarte.

Apaixonado que era pelos mares e oceanos, Duarte já tinha partilhado em diversas ocasiões com Sua Alteza a teoria que tinha de que era possível navegar para ocidente e encontrar terra firme nessas paragens tão ambicionadas. Contudo, a política de expansão escolhida pelo rei, igualmente detentor de grandes conhecimentos geográficos, de navegação, de cosmografia e até de construção naval, assentava essencialmente na conquista da costa de África e na tentativa de descobrir uma rota marítima para as Índias, dando continuidade ao empreendimento levado a cabo por seu pai, o rei D. Afonso V. Teria chegado finalmente o momento de poder navegar para ocidente?

Duarte Pacheco Pereira era muitas vezes convocado com urgência para aconselhar Sua Alteza. O rei sempre demonstrara grande abertura para ouvir os seus conselheiros, embora, dadas as suas forte personalidade, sagacidade e requintada inteligência, acabasse por valorizar apenas as ideias com que de facto concordava. Não havia, efetivamente, memória de decisões que o monarca tivesse tomado contrariado.

Duarte Pacheco Pereira era um conselheiro muito peculiar, capaz de uma discussão inteligente e cuidada. Sua Majestade sabia que àquele homem poderia entregar qualquer missão, pois que ela seria por certo cumprida com os máximos rigor, entrega, lealdade e coragem, desde que Duarte sentisse que era essa também a vontade do céu.

Servira durante vários anos como cavaleiro da guarda pessoal de D. João II, mas desta vez sentia pela convocatória uma

responsabilidade acrescida, desconfortável até. E havia ainda a emoção especial do encontro que teria no final do dia. Apesar de Colombo estar ao serviço da Coroa de Castela, podendo por isso ser considerado como um presumível inimigo, não deixava de ser também um navegador como ele, com os mesmos sonhos e ideais, as mesmas ambições e os mesmos medos. Desconhecendo ainda os termos e contornos precisos da receção ao genovês, seria possível, sem dúvida, comparar cartas de navegação, trocar impressões acerca das técnicas de navegação utilizadas e saber que emoções tinha vivido ao encontrar terra em paragens ocidentais tão distantes. Seria uma oportunidade única para confirmar algumas teorias e poder aprofundar ainda mais os conhecimentos científicos que já possuía. Eram muitas as perguntas que gostaria de colocar a Cristóvão Colombo acerca dos ventos e correntes no Ocidente. E que missão secreta seria a sua? Que relação teria com a chegada de Colombo?

— Sim, Nassim, não podia ser mais importante. É do máximo interesse nacional. Temos de nos preparar devidamente — respondeu, depois de se ter perdido nos seus pensamentos.

— Certo, capitão. Vou aquecer-lhe umas águas, para que possa relaxar.

Apesar de já ser um homem maduro, calmo e ponderado, nunca nos seus trinta e poucos anos de vida se sentira tão impaciente e ansioso; era como se fosse um jovem grande, bem grande aliás, dada a sua muito alta estatura e o aspeto entroncado da sua musculatura. O rosto longo e corado terminava numa barba crescida, de mais de um palmo bem medido, e no remate de um bigode, uma e outro sempre bem cuidados, muito negros, da mesma cor do cabelo espesso e curto com risco ao meio. Em perfeita harmonia, os olhos eram grandes e pretos. O seu olhar acusava muitas vezes alguma melancolia, mas não se vislumbravam olhos mais brilhantes que os seus aquando das viagens oceânicas que fazia. Uma boa conversa sobre cosmografia ou outra ciência afim também chamava um novo brilho ao seu olhar. Não se lhe conheciam amores. Era assunto de que não falava e que não deixava sequer transparecer. E tinha razões para isso.

— Nassim, há alguma coisa que te faça ter medo na vida?

— Medo, capitão? Só tenho medo de o perder. Tendo-o por perto, não tenho receios.

— Sabes, Nassim? Eu não tenho medo de nada, a não ser de perder a fé. É a única coisa que me aflige. Mas, se ela estiver bem acesa, teremos sempre uma luz forte que nos guie. E parece que a minha convicção também te vai proteger a ti, não é, Nassim? Enquanto a minha bravura se mantiver, estaremos em segurança, e por isso não tens o que temer. Sabes que podes contar sempre comigo, Nassim...

— Eu sei, capitão. Devo-lhe tudo o que sou. O capitão também sabe que pode contar sempre comigo e que defenderei a sua vida com a minha, se for preciso.

Durante a sua passagem pela Guiné, Duarte encontrara Nassim solitário numa aldeia costeira incendiada por uma tribo rival. Único sobrevivente, perdera toda a família e aqueles que conhecia. Em poucos minutos ficara sem nada. Compreendendo o que se passara, Duarte ofereceu auxílio a Nassim, que não hesitou em acompanhar a tripulação portuguesa. Nada poderia ser pior do que enfrentar a dor de tamanha perda em solidão. Se a sua vida tinha de sofrer uma mudança tão profunda, então que fosse ao lado de alguém que lhe pudesse oferecer alguma forma de conforto e segurança. Desde esse incidente, Nassim acompanhara Duarte como um guardião, um aprendiz, um filho. Viviam em Santarém, numa casa térrea e modesta. Nassim tratava dos cavalos, das refeições e de tudo o mais que lhe fosse pedido pelo capitão.

Sem conseguir adormecer e depois de remexer nas suas longas barbas vezes sem conta, Duarte vestiu um pelote de veludo azul-marinho com largas mangas brancas golpeadas, o velho gibão de couro muito escurecido e na cabeça um gorro quente, para o proteger das chuvas fortes que caíam impiedosamente sem cessar há já dois dias. Mandou Nassim preparar o cavalo mais rápido e destrancou a porta de madeira maciça de acesso ao alpendre.

— Deus me proteja! — A voz saiu-lhe um pouco tremida e nervosa, enquanto olhava para o céu. — Quero chegar a Vale do Paraíso ainda de manhã.

— Jesus está consigo, capitão. Espero aqui por si — assegurou Nassim, que mal se conseguia ver, na escuridão da noite.

Duarte sentiu que aquele dia poderia ser o início de uma mudança marcante na sua vida. Por isso, respirou profunda e vagorosamente duas vezes, sentindo o vento frio da primeira hora do dia a entrar-lhe nos pulmões e o odor da terra húmida, ensopada pela chuva. Apenas o som de alguns grilos acompanhava as gotículas de chuva fria, muito grossas, que chocavam firmes com a vegetação num ritmo ordeiro. O céu nublado não deixava espreitar nenhuma das estrelas suas confidentes, tantas vezes as suas únicas aliadas e verdadeiras companheiras, que sempre o haviam guiado. Seria um mau agoiro, num momento tão importante, que as estrelas que sempre o tinham orientado estivessem de costas voltadas naquela noite?

Por um instante, sentiu um aperto no peito, um sofrimento muito familiar que lhe atravessou o corpo. Havia cerca de cinco anos, numa missão em torno da ilha do Príncipe, a bordo de uma caravela, adoecera gravemente, tendo perdido o sentido de orientação. Depois de várias tempestades sucessivas, estivera três dias e três noites sem conseguir observar e medir com a exatidão a que se habituara a altura das estrelas e, apesar da proximidade da costa, a febre muito elevada de que padecia deixara-o prostrado numa incapacidade para o discernimento e numa sensação de impotência para se orientar pelos astros que lhe causaram arrepios, um aperto no peito e muito mal-estar. Mas eis senão quando soprou um vento de boa sorte, pois Bartolomeu Dias, também ao serviço do empreendimento marítimo, regressando da sua viagem ao cabo da Boa Esperança, recolheu o capitão enfermo, deu-lhe abrigo e tratamento a bordo do seu navio e entregou-o mais tarde aos cuidados da corte. Desde esse dia, Duarte ficou muito amigo de Bartolomeu e prometeu-lhe eterno reconhecimento e profunda gratidão.

— És a minha nova Estrela Polar — disse-lhe na altura, em tom jocoso. — Iluminaste infindáveis céus mais escuros que o Nassim.

Deixou esses pensamentos de lado e congratulou-se com o luar, que, apesar de difuso porque filtrado por nuvens espessas e carregadas, o acompanhou até que a noite se transformasse em dia

durante a viagem até Vale do Paraíso. Já abraçado pelo sol e agradado com o chilreio dos rouxinóis mais madrugadores, não lhe foi difícil encontrar a Casa dos Silvas, residência nobre ao dispor da realeza. A grande mansão, de construção recente e aspeto muito bem tratado, situava-se no vale da pequena aldeia bem perto do ribeiro vigoroso que contornava todo o chão da colina vestida e perfumada por pinheiros e eucaliptos. A vetusta fachada de pedra, embora sóbria, apresentava oito grandes janelas de madeira pintadas de um vermelho muito escuro, cor de vinho tinto, e no centro exibia um portal nobre, mais alto que dois homens, envolto numa moldura de cantaria e ladeado por duas colunas de largos troços sobrepostos nas quais se apoiava uma arquitrave ostentando o brasão dos Silvas. Do lado poente do pequeno palacete erguiam-se as cavaliças, junto ao sopé do monte, por ser o local mais fresco para os animais, já que depois das três horas da tarde, pela sua orientação e o relevo da colina, o sol não conseguia penetrar naquele espaço.

O guarda, que já o esperava, autorizou o seu acesso e chamou o tratador de serviço para levar o cavalo para os estábulos.

— Dá-lhe de beber e de comer, que o animal está cansado — ordenou a sentinela.

O navegador avançou pela grande porta frontal onde o esperava Garcia de Resende, o amável e folião pajem de D. João II que Duarte já conhecia pessoalmente. De baixa estatura e muito gordo, olhos pequenos arregalados e cabelo pelos ombros, tinha uma aparência cómica, mas era também conhecido pelo seu humor muito apurado capaz de fazer rir os mais sérios. Que se desenganassem, porém, os que achavam que aquele homem, que nem o rei poupava com a sua sátira, merecia por isso menos respeito por parte de Sua Majestade. O monarca tinha uma grande afeição por ele e confiava-lhe até alguns segredos, pelas suas lealdade e dedicação.

— Tanta demora! Devia ter chegado há dois dias, capitão Duarte Pacheco. Não leu a convocatória? Como bem sabe, Sua Majestade não tolera este tipo de atraso — afirmou Garcia de Resende, com ar sério, franzindo as sobrancelhas grossas e despenteadas e abrاندando o passo.

Mas Duarte manteve-se firme e continuou na mesma passada pelo longo corredor adornado de azulejos azuis e brancos, sem olhar sequer para o rapaz nem mudar a sua expressão.

— Eu jamais me atraso, caríssimo Resende. Há indivíduos que teimam em não mudar. Verifico que continuas com um sentido de humor apurado — retorquiu ele, sorrindo.

O pajem soltou uma enorme gargalhada e o navegador riu também de forma despreocupada e prolongada, ao mesmo tempo que entravam no salão nobre onde se encontrava o rei, que, sem hesitar e mantendo-se sempre de costas voltadas, falou altivamente na sua voz anasalada e muito pausada:

— Capitão, pensei que o tivesse informado de que temos um assunto sério em mãos. Não entendo o motivo de tamanha alegria...

Quando D. João se voltou para a entrada do salão, viu Garcia de Resende e Duarte Pacheco Pereira sem pinta de sangue e ambos com um ar visivelmente atrapalhado. Aguardou uns segundos, mantendo o seu ar sério, altivo e reprovador, para usufruir bem do momento, e depois soltou uma forte gargalhada, deleitado com a situação. A princípio, os outros ficaram estupefactos, mas, logo que perceberam a brincadeira, descontraíram e riram com vontade.

— Bem-vindo, capitão Duarte Pacheco Pereira. Folgo em ver que vem bem-disposto e jovial, porque, depois dos assuntos que temos para discutir hoje, sairá daqui bem mais preocupado — assegurou o rei, ainda sorridente e claramente agradado com a presença do navegador. — Resende, manda preparar uma refeição aos cozinheiros. O capitão deve estar com fome e sede também.

— Obrigado, Majestade, pela magnífica hospitalidade e por tamanha honraria, mas, se me permitis, considero-o dispensável. Não trago fome, nem sede tampouco.

— Não vamos decerto enfrentar uma reunião tão importante sem boa comida e bebida com fartura.

Duarte conhecia bem o rei e sabia que ele tinha uma fraqueza por boa comida. Gostava de comer bem e em quantidade, pelo que não tinha como argumentar.

— Se essa é a real vontade de Vossa Majestade, quem sou eu para me opor a tão legítimo desejo?

— Resende, avisa a criadagem de que não deverá, a partir deste momento e em circunstância alguma, entrar neste salão. Apenas tu poderás entrar, a meu mando. Não deverei ser interrompido por razão alguma.

— Certamente. Só interromperei Vossa Majestade quando a merenda estiver pronta, se mo permitirdes, senhor.

— Resende, se for para me alimentar, poderás sempre interromper-me. Lembra-me de fazer um decreto sobre isso.

Todos riram uma vez mais. Duarte Pacheco Pereira, finalmente a sós com o rei, foi encaminhado para um dos coxins de veludo, diante do cadeirão real, junto de uma grande lareira, onde dois grandes toros de madeira ardiam sem pressa, conferindo um ambiente muito agradável pelo odor da lenha e o crepitar das brasas. As janelas, um pouco embaciadas pela diferença de temperaturas, dificultavam a entrada da luz, e eram fustigadas pela chuva que caía naquela altura em Vale do Paraíso com alguma intensidade.

D. João, frontal como era seu hábito, foi direto ao assunto, mantendo sempre o ritmo lento nas suas palavras:

— Diga-me, caro capitão, como bom navegador que é, qual julga ser o significado para a Coroa portuguesa do Tratado de Alcáçovas-Toledo, no que diz respeito ao Atlântico?

Duarte Pacheco Pereira respondeu prontamente e de memória:

— Entre outras concessões, Portugal tem totais soberania e exclusividade de navegação nas águas do Atlântico e em todas as terras descobertas e por descobrir a sul das ilhas Canárias, em bom rigor, no paralelo de 27 graus.

— Vejo que sabe a matéria, capitão. E diga-me: com base nos seus longos estudos e experiência, quantas léguas tem cada grau medido ao meridiano da Terra?

— Dezoito léguas, senhor — respondeu com prontidão.

— Pelas minhas contas e muito provavelmente pelas suas, multiplicando por 360 graus, a orbe terá então um perímetro de 6480 léguas.

— As minhas contas conferem com indubitável exatidão, senhor. Mas qual o verdadeiro objetivo desse cálculo? Confesso que estou deveras impaciente — acrescentou Duarte, inquieto.

— Já lá iremos, meu caro. Pense comigo. — D. João levantou-se e aproximou-se da grande lareira, fez uma pausa enquanto ajustava a lenha que ardia com a ajuda de uma pinça de ferro negro e prosseguiu: — Quando, no passado, Cristóvão Colombo me apresentou os seus planos para navegar até à Ásia atravessando o Atlântico, dois erros grosseiros saltaram-me logo à vista, sem que, no entanto, me tivesse decidido a chamar a atenção do almirante. Sim, porque ele se intitula almirante! Primeiro, baseou os seus cálculos no cosmógrafo mouro Alfraganus. Utilizava milhas árabes que, como sabe, são um terço mais curtas do que aquelas que usamos e, como se não fosse já erro bastante, calculou que a viagem por ocidente até Cipango¹, a partir das ilhas Canárias, não teria mais que 2760 milhas. Ora, meu caro capitão, isto é o mesmo que dizer que Colombo acredita que das Canárias até ao Oriente são pouco mais de 700 léguas!

Duarte Pacheco Pereira desviou o olhar por uns segundos para o teto, enquanto fazia mentalmente o cálculo, e acenou com a cabeça, validando o raciocínio do rei, que prosseguiu:

— Se pensarmos na real distância das Canárias a Cipango, não é difícil concluir que serão pelo menos...

— 2000 léguas! — completou bem alto o cosmógrafo, com visível entusiasmo no olhar.

— Chiu! — D. João levou o dedo à boca a recordar o secretismo da reunião e passou a falar em surdina, olhando a toda a volta, como se atrás de cada porta do salão pudesse estar um espião oculto. — Isso mesmo, nunca menos de 2000 léguas. Agora, diga-me: se aquele homem navegou por 700 léguas para sudoeste e encontrou terra, afinal, que terra será essa que não é Cipango?

Duarte Pacheco Pereira ficou boquiaberto com a teoria apresentada por D. João. O coração do navegador pulava de excitação.

— Majestade, esse pensamento abre uma nova perspectiva às potencialidades da navegação do oceano Atlântico Ocidental! Mas, se as novas terras agora descobertas não são Cipango, que a muitas léguas de distância se encontra por certo, e se Colombo navegou todo

¹ Designação do Japão no século xv.

esse percurso nessa direção, certamente passou o paralelo das ilhas Canárias. Por Deus, pelo tratado é a Vossa Majestade e ao reino de Portugal que pertencem as novas terras. Jamais a Castela!

— Foi por isso que lhe escrevi a convocatória. Nestes últimos dias tenho estado a preparar um plano que quero pôr em prática e será o capitão a protagonizá-lo.

— Um plano? Que plano é esse, senhor? — Duarte inquietava-se; estava cada vez mais intrigado com tanto mistério.

Nesse momento, Garcia de Resende pediu permissão para entrar no salão e, logo que a porta se abriu, um cheiro irresistível de iguarias acabadas de confeccionar invadiu os ares da casa. D. João mandou servir a refeição na mesa redonda baixa, de três pés, junto da lareira, mesmo diante do cadeirão, para que pudessem continuar a conversar enquanto comiam e bebiam. Duas criadas, de roupagens beges e aventais brancos imaculados, com um amável sorriso nos rostos, mas sem proferirem qualquer palavra, trouxeram uma travessa oval com uma quantidade infundável de pequenos folhados de carnes de caça e enchidos distribuídos de forma quase artística numa pirâmide imponente. Ao seu redor, havia queijo velho partido em cubos, intercalados por rodela de morcela com pinhões cravados. Para acompanhar, deixaram uma cesta com pão, que depois de aberta soltou ainda o fumo e o aroma do forno a lenha onde acabara de cozer há poucos minutos. Uma grande jarra de prata cheia de vinho tinto seco, de colheita especial, era mais um irresistível convite à degustação. Resende fez sinal às criadas para que se retirassem.

— Voltarei ao meio-dia para que seja servido o almoço, senhor.

Era impossível resistir à tentação de experimentar os petiscos recém-chegados do forno. Duarte aguardou que o rei se servisse primeiro e só depois encheu uma caneca de vinho e preencheu o interior de um pedaço de pão quente, de côdea muito estaladiça, com um folhado de carne. Juntou ainda alguns cubos de queijo, que começaram a derreter mal tocaram no pão. Finalmente, D. João prosseguiu:

— Como sabe, a Coroa Portuguesa sempre deu prioridade às conquistas da costa africana por via marítima e, antes que seja tarde, precisamos de chegar à Índia por mar, onde temos

verdadeiros tesouros à nossa espera. Não me refiro apenas a metais preciosos, como o ouro e a prata, mas também às especiarias que sabemos existirem em abundância e que atualmente chegam à Europa a um preço absurdo. Para preparar uma expedição tão arrojada são necessários muitos recursos que de momento não possuímos. Os cofres reais estão longe de estar peçados. Mandar partir agora uma armada com dezenas de naus para navegar por um ano até às Índias e voltar é um empreendimento que, como deve imaginar, tem um peso muito grande nas nossas contas. No entanto, para mim é estratégico, mesmo essencial, que se consiga essa rota para a prosperidade do nosso reino e a melhoria da vida do povo. É claro que eu gostaria que Colombo tivesse feito esses descobrimentos a meu mando, mas, para lhe ser franco, é até vantajoso que o tenha feito sob a bandeira de Castela.

Duarte franziu o sobrolho, estranhando a afirmação, mas sabia que o rei era perito na arte de iludir os seus opositores e que, certamente, teria as suas razões.

— Repare que enquanto os reis de Castela estiverem distraídos a festejar a descoberta de umas ilhotas no oceano Atlântico, não se preocuparão com aquilo que andamos a fazer para conseguir um domínio absoluto no comércio marítimo do Oriente. Se tivermos uma rota exclusiva e direta de ligação entre a Índia e os nossos portos, estaremos em vantagem por muitos anos. É por isso que é importante determos o controlo das cidades costeiras de África, para que haja apoio militar e fornecimento de mantimentos às naus que regressarão lotadas de cargas valiosas.

— Perdoai-me a ousadia, mas parece-me excessivo, Majestade. Abrir mão das terras descobertas por Colombo não será demasiado a Castela? — duvidou o navegador, enquanto saboreava mais um pedaço de queijo.

— Será sempre uma incógnita, Duarte. Não sabemos muito bem o que foi descoberto. Nem eles sabem, pensam que é Cipango! Vamos deixá-los esvaziar os seus cofres nessas viagens, enquanto nos preparamos para algo grandioso.

— Pelo que entendi, daqui por um par de horas, Colombo estará sentado connosco aqui no salão nobre a falar das suas descobertas,

e a intenção de Vossa Majestade é não reclamar as terras para a Coroa Portuguesa, que deverá ter, por direito, o benefício de tamanha glória? Espero desta vez estar enganado, senhor.

— Está enganado, sim, capitão. É claro que eu vou reclamar a descoberta para a Coroa Portuguesa ao abrigo do tratado, mas só com o propósito de criar perturbações a Castela, algum ruído que desvie a atenção deles para que consigamos concessões ainda maiores, entende? Mas, para isso, temos de os atacar onde eles mostram maior fraqueza. Se esses calhaus que encontraram são tão valiosos para eles, reclamemos que são nossos. Contudo, o nosso verdadeiro objetivo será outro. — Duarte acenou com a cabeça, seguindo o raciocínio de D. João, que continuou: — Vamos exigir que Castela não tenha quaisquer pretensões em relação à costa de África, ou ao caminho marítimo para a Índia pelo oceano Índico. Em troca, eles que fiquem com o ilhéu desterrado que Colombo descobriu no meio de nenhures.

— Agora compreendo a estratégia, que me parece exemplar. Todavia, não deixa de ser arrojada, Majestade. Aliás, não poderia ser de outra forma pela coragem que vos reconheço. Só não entendo qual seja o meu papel nesse empreendimento. Que missão que me será consignada por Vossa Alteza? Deverei participar nessa inusitada viagem pelo Índico até às Índias por via marítima, em busca de mercadorias?

D. João fez uma pausa, como que para ganhar embalo, levantou-se, bebeu de uma só vez o vinho que lhe restava na caneca e dirigiu-se para a janela. Sem desviar o olhar do exterior, virado de costas, esclareceu Duarte Pacheco Pereira:

— Não. Eu quero que o capitão siga para ocidente, dentro de duas semanas. Ouviu bem. Não é para oriente. É para ocidente! Não deverá, porém, seguir o rumo de Colombo. Deverá rumar ainda mais para sul, para não interferir com essas ilhas de Castela. Quero saber o que lá existe. Que terras, que gentes, que ilhas, que especiarias, ouros ou pratas se pode encontrar nessas latitudes ocidentais. Mas, mais do que isso, quero encontrar um porto seguro, uma aguada mais prática que a de São Brás, que tem os inconvenientes das correntes e dos ventos. Além disso, os nativos não são nada amistosos. Isso é essencial para a nossa estratégia de chegar à

Índia por mar. As viagens de Bartolomeu Dias revelaram que fazer a navegação das caravelas pela costa recorrendo à cabotagem não é eficiente. Precisamos de fazer a volta pelo mar navegando com naus e contornando os ventos contrários. — E, voltando-se para o capitão, estático, perguntou-lhe: — Parece-lhe possível?

— Majestade, confesso que não esperava uma missão tão audaciosa. Mas, antes de responder, há algo que não entendo: se os cofres mal podem suportar o empreendimento de uma viagem de várias naus até à Índia, como pode existir orçamento para uma viagem a ocidente, quando ainda se sabe tão pouco sobre essas paragens? Confesso que efetuei alguns estudos desses ventos e correntes nas minhas voltas da Mina, mas não foram exaustivos nem conclusivos. Serão imprescindíveis centenas de homens, uma armada bem guarnecida, naus para mantimentos, mestres e pilotos experientes, marinheiros audazes, cozinheiros capazes, padres e soldados corajosos, munições em quantidade. E duas semanas para tudo isso, Majestade?

— Eis a razão por que o escolhi a si, capitão. É verdade que os nossos cofres não têm capacidade para tudo isso. Nem temos tempo suficiente para preparar um tal empreendimento. Por isso fará a viagem com uma única nau de 350 tonéis que já mandei preparar — a *Espírito Santo*. Provavelmente, sentir-se-ia mais seguro numa caravela, para poder orçar, mas a nossa rota tem de permitir a utilização de navios de grande porte, e por isso deverá rumar com uma nau e tentar, da melhor forma que lhe seja possível, evitar os ventos contrários. Tem duas semanas para encontrar 50 homens para o acompanhar a bordo e zarpar com total discricção. Seja em que circunstância for, ninguém deverá saber dos contornos desta viagem. Quando regressar com informação concreta, forcçaremos Castela a redigir um novo tratado, com todas as nossas pretensões. Preciso de saber que aceita a missão e que fará dela o único objetivo da sua vida. Em junho quero-o de volta a Lisboa cheio de boas novas.

Duarte olhou o rei nos olhos e respirou fundo.

— Estou sempre disposto a dar a minha vida pela pátria, mas não o queria fazer de forma inglória. Poderá uma missão tão arriscada a cargo de um só homem e com tão poucos recursos ser bem-sucedida?